

A didática do apóstolo Paulo no contexto do Império Romano

The teachings of the apostle Paul in the context of the Roman Empire

Francisco Benedito Leite

Resumo

O presente artigo apresenta uma releitura do conceito “comunidade escatológica”, que foi utilizado pela primeira vez por Bultmann em sua Teologia do Novo Testamento. No caso, a comunidade escatológica é compreendida como uma comunidade de resistência pacífica, à luz da teoria de Horsley sobre as igrejas paulinas. A partir dessa renovada abordagem que combina as compreensões de Bultmann e Horsley, as igrejas cristãs primitivas, que são frutos da atividade missionária do apóstolo Paulo, são tidas como igrejas que, enquanto esperam a *parousia*, fazem resistência à política imperial romana por meio de sua prática solidária e de sua vivência igualitária, conforme os ensinamentos e relatos que estão registrados nas cartas paulinas. Esse quadro se expõe a partir da seguinte proposta, em primeiro lugar, é apresentada a didática ou Retórica Aristotélica como procedimento utilizado pelo apóstolo na instrução de suas comunidades; em segundo lugar, a comunidade escatológica é descrita como núcleo de resistência ao Império Romano; por fim, são apontados alguns dos procedimentos didáticos que são tomados pelo próprio apóstolo Paulo na instrução da comunidade escatológica.

Palavras-chave: Didática. Apóstolo Paulo. Império Romano. Comunidade escatológica. Resistência.

Abstract

This article presents a reinterpretation of the concept of “eschatological community,” which was first used by Bultmann in his *Theology of the New Testament*. In this case, the eschatological community is understood as a community of peaceful resistance, in light of Horsley’s theory of the Pauline churches. Based on this renewed approach that combines the understandings of Bultmann and Horsley, the early Christian churches, which are the fruit of the missionary activity of the apostle Paul, are seen as churches that, while awaiting the parousia, resist Roman imperial policy through their practice of solidarity and their egalitarian experience, according to the teachings and accounts recorded in the Pauline letters. This framework is presented based on the following proposal: first, Aristotelian didactics or rhetoric is presented as a procedure used by the apostle in instructing his communities; second, the eschatological community is described as a nucleus of resistance to the Roman Empire; Finally, some of the didactic procedures adopted by the apostle Paul himself in instructing the eschatological community are highlighted.

Keywords: Didactics. Paul Apostle. Roman Empire. Eschatological community. Resistance.

“Vede que ninguém dê a outrem mal por mal, mas segui sempre o bem, tanto um para com os outros, como para todos” (1Ts 5,15).

Introdução

A clássica obra de Rudolf Bultmann intitulada *Teologia do Novo Testamento*¹ ao abordar as primeiras comunidades cristãs, nomeia-as de “comunidades escatológicas”. Na perspectiva teleológica do teólogo alemão, essas comunidades cristãs individuais de intensa atuação no mundo e vivência intensa da fé cristã se desenvolveriam até se tornarem igrejas institucionalizadas e legalistas quando se catolicizassem, um processo que começa em momentos diferentes de cada comunidade, entre o fim do primeiro século e início do segundo.

Mesmo que estudos mais recentes sobre a história do desenvolvimento das comunidades cristãs primitivas tenham apontado para um desenvolvimento que não foi necessariamente progressivo no cristianismo no que diz respeito ao ponto de partida das comunidades individuais e vivas em direção a comunidades institucionalizadas e legalistas, o conceito de comunidade escatológica, para se referir às comunidades cristãs de primeira geração, continua a ser interessante de um ponto de vista hermenêutico.

¹ BULTMANN, R., *Teologia do Novo Testamento*, p. 79-83.

No caso da reflexão realizada no presente texto, será abordado o ensino do apóstolo Paulo na comunidade escatológica e serão dadas ênfases que não estavam no escopo da obra de Bultmann (2008), pois enquanto esse teólogo enfatizou muito mais o conceito de “fé” de um modo muito característico como faziam as teologias luterana e reformada antes do desenvolvimento da Nova Perspectiva no apóstolo Paulo, aqui, nesse texto, a ênfase da comunidade escatológica é colocada sobre aspectos sociais, relacionados com sua resistência à política Imperial Romana. Apesar da utilização do conceito bultmaniano, a perspectiva de leitura está mais relacionada com a visão de Horsley.²

No entanto, antes de discutirmos o conceito de “comunidade escatológica”, apresentaremos a didática do apóstolo Paulo em sua atuação pastoral nessas comunidades cristãs primitivas, e para que isso seja feito, é necessário fundamentar o que é a didática no contexto imperial romano em que o apóstolo atuou, por isso, na primeira parte desse texto, apontar-se-á a relação da didática com a Retórica aristotélica, para que ao fim, na última parte do artigo, seja descrito como foram usados nas comunidades cristãs primitivas os recursos didáticos para se desenvolver a resistência naquele determinado ambiente histórico-social e cultural.

1. Didática ou Retórica aristotélica

No presente artigo, a palavra “retórica” bem poderia substituir “didática”, pois reconhecemos que no contexto do Mundo Antigo, e mesmo posteriormente, a técnica ou arte de ensinar, de transferir conhecimentos, como se define a didática, era realizada pela Retórica. No caso, Retórica com letra maiúscula, que se refere ao conjunto de técnicas de persuasão do plausível, ligada com a busca pela verdade por meio do discurso racional, historicamente relacionada com a tradição que remete a Aristóteles, sobretudo com sua marcante obra *Arte Retórica*³ [greg. Τέχνη Ῥητορική].

No entanto, no contexto em que nos encontramos contemporaneamente, o termo “retórica” ficou combalido, bem como seu significado ficou famigerado, tendo passado, ao longo da história, por momentos de desgaste, nos quais esteve relacionado unilateralmente com o floreio da linguagem, independente da plausibilidade de seu conteúdo, bem como foi compreendido como sinônimo de persuasão à qualquer custo, desligado da realidade ou de propósitos eticamente justificáveis pelos quais se pretende persuadir um auditório a respeito de algo⁴.

² HORSLEY, R., Introdução Geral, p. 9-32.

³ ARISTÓTELES., *Arte Retórica*.

⁴ RICOEUR, P., *A Metáfora Viva*, p. 78-102.

Aqui utilizamos a palavra “didática” que, para nós, está relacionada com o empenho do ensinador em tornar o conteúdo de seu ensino palatável ao seu público diversificado e plural em vários aspectos, composto por pessoas de diferentes níveis intelectuais, de variados status sociais e distintas origens étnicas e condições econômicas. Nesse sentido, a didática está relacionada com a “pedagogia”, que remete ao *paidagōgos* [greg. παιδαγωγός] como aquele que conduz [greg. ἄγω] a criança [greg. παῖς] em sua formação ética, chamada *paideia* [greg. παιδεία]. Werner Jaeger apresentou a *paideia* no processo de formação da civilização grega⁵ e depois na formação cristã a partir dos Pais da Igreja⁶, mas nada foi dito a respeito do período bíblico.

De acordo com o que se descreveu acima, é assim que o Apóstolo Paulo é apresentado, como aquele que por meio de suas cartas se colocou diante do público diverso que compõe as igrejas cristãs da Ásia Menor como um pedagogo, que tem por objetivo educar os cristãos e cristãs e estimulá-los a formar uma “comunidade escatológica”⁷, que, como tal, vive a resistência aos valores hierárquicos e segregadores do Império Romano enquanto passa o breve período transitório que existe entre a ressurreição de Jesus Cristo e sua breve *parusia* [greg. Παρουσία; port. vinda], a qual, segundo o que o apóstolo acreditava, ocorreria durante o período de sua própria vida (1Ts 4,13).

Richard A. Horsley⁸ apresenta as igrejas das cartas paulinas como comunidades de resistência à política opressora do Império Romano. O retrato que esse estudioso faz das igrejas como assembleias subversivas, de acordo com o primeiro significado de *ekklesia* [greg. ἐκκλησία], não é idiossincrático, pois O’Brien⁹ também aponta para a natureza inerentemente política da assembleia Greco-Romana.

Enquanto isso, o termo “comunidade escatológica”, que está relacionado com Rudolf Bultmann, refere-se às comunidades paulinas, como o ápice do cristianismo, período em que a fé cristã floresceu de forma mais intensa e depois do qual ocorreu a decadência caracterizada pelo catolicismo primitivo¹⁰.

Nossa proposta hermenêutica exposta nos parágrafos que vem a seguir indica a combinação das duas proposições, tanto a de Horsley quanto a de Bultmann, sobre as comunidades paulinas, mas usa apenas o termo “comunidade escatológica” para expressar as igrejas cristãs primitivas da Ásia Menor, ao mesmo tempo, como espaços

⁵ JAEGER, W., Paideia.

⁶ JAEGER, W., Cristianismo Primitivo y Paideia Griega.

⁷ BULTMANN, R., Teologia do Novo Testamento, p. 79-83.

⁸ HORSLEY, R. A., 1 Corinthians.

⁹ O’BRIEN, P. T. Verbete, p. 213-226.

¹⁰ BULTMANN, R., Teologia do Novo Testamento, p. 79-83.

de subversão resistência e de manifestação dos carismas produzidos mediante a fé cristã.

2. A dinâmica da vida na comunidade escatológica

De acordo com o apóstolo Paulo, o breve tempo em que a comunidade escatológica existirá no mundo, o qual está entre a ressurreição e a parusia, é oportuno para se viver a resistência a ser praticada como ação concreta e afirmativa, que se materializa por meio da realização de coletas feitas em comunidades de pessoas carentes que se empenham por colaborar com aqueles que estão passando por situações calamitosas (II Co 8).

A comunidade escatológica existe em oposição à hierarquia que caracteriza as relações patronais do Império Romano, cuja sociedade pode ser representada por uma grande pirâmide que tem em seu agudíssimo topo o Imperador Romano, reconhecido pelo título honorífico “Filho de Deus e Salvador” [greg. υἱοῦ θεοῦ καὶ σωτήρα], e em sua ampla base a multidão de escravos [greg. δούλοι] desumanizados por sua condição de objeto pertencente a um senhor; bem como mulheres, que devem estar unilateralmente subordinadas aos seus maridos; e estrangeiros, definidos como bárbaros, no sentido em que esse termo remete ao balbuciar que caracteriza não apenas a fala estrangeira que aos gregos e aos romanos lhes parece balbuciante, mas também, relacionado com esse modo de falar, a incapacidade que essas pessoas têm de articular o pensamento racional.

Desse modo, as comunidades escatológicas são pequenos agrupamentos de pessoas que se reúnem em residências familiares, onde realizam seus cultos de louvor ao Deus único, que outrora se revelara em seu projeto de libertação ao povo escravizado no Egito e agora novamente se revelou, mas dessa vez de forma definitiva, por meio de Jesus em sua condição de vítima crucificada por causa da injustiça reinante no mundo. Justamente este que foi até ao ponto mais baixo da existência humana por causa de sua morte violenta, compartilhada por tantos outros que assim padeceram injustamente, é o que foi declarado “Senhor” [greg. Κύριος] e elevado ao ponto mais alto e colocado a direita de Deus Pai (Fp 2,5-11). Ele foi o primeiro a ressuscitar e, a partir disso, todos os que creem nele também ressuscitarão (I Co 5,20).

Algo a se destacar é a importância do corpo na concepção dos primeiros cristãos, pois é justamente o corpo que será ressuscitado e é no corpo que se dá a atuação do Espírito Santo na atual era. No entanto, na antropologia paulina¹¹ “corpo” [greg. σῶμα] diferencia-se da “carne” [greg. σὰρξ], embora ambos perpassem um ao outro. Somente o corpo será ressuscitado, porque é a delineação da existência humana sem a qual não há

¹¹ DUNN, J. D. G., *A Teologia do Apóstolo Paulo*, p. 104; BULTMANN, R., *Teologia do Novo Testamento*, p. 247-258.

ser. Enquanto isso, a carne será aniquilada, porque nela atua o mal inerente ao ser humano, do qual não se pode estar amputado durante a presente vida.

As reuniões domésticas dos primeiros cristãos eram aquecidas pelo calor da apocalíptica, com base na qual esperavam a parusia do Senhor Jesus Cristo, que dará paz aos eleitos de Deus, grupo composto em sua maioria por pobres (1Co 1,26), enquanto dará condenação eterna aos injustos.

A vivência apocalíptica da comunidade escatológica também era caracterizada pelo carisma concedido pelo Espírito Santo, penhor da promessa de Deus (2Co 1,22). Os carismas ou dons concedidos pelo Espírito proporcionavam manifestações espirituais aos fiéis, que ao recebê-los de Deus passavam a estar capacitados ao serviço do Senhor, [greg. διακονία; port. diaconia] quer no interior da comunidade, quer no mundo.

As comunidades escatológicas são denominadas pela linguagem do apóstolo Paulo como assembleias [greg. ἐκκλησίαι]. A palavra grega ἐκκλησία só passaria a ser identificada como “igreja” após um longo processo de evolução semântica, pois a princípio seu significado estava relacionado com a linguagem da cidade grega, a pólis [greg. πόλις]¹². Ironicamente, enquanto na cidade grega os convocados para a assembleia [greg. κλητός] pertenciam à elite, eram homens, livres, nobres, de boa estirpe e intelectualmente instruídos, por outro lado, os convocados por Deus eram homens e mulheres, livres e escravos, nativos e estrangeiros (Gl 3,28).

Em certo aspecto essas assembleias cristãs primitivas assemelhavam-se aos *collegia* romanos¹³, que eram grupos e sindicatos que se reuniam em torno de um tema ou de uma profissão ou de uma causa ou de uma divindade, mas a despeito da aparente insignificância das assembleias cristãs por causa do pequeno número de pessoas que a compunham, essas instituições revolucionárias claramente rivalizavam com as assembleias oficiais.¹⁴

Destaca-se entre os primeiros cristãos e primeiras cristãs o caráter internacional – se é que podemos utilizar esse termo moderno para aplicar a uma instituição do Mundo Antigo – de suas assembleias primitivas, porque as pequenas comunidades de crentes em Cristo comunicavam-se intensamente por correspondências, dentre as quais as escritas pelo apóstolo Paulo são as grandes referências, mas não são os únicos exemplos identificados entre as igrejas cristãs que existiram nos dois primeiros séculos da atual era no contexto do Império Romano.

¹² O'BRIEN, P. T., *Verbete*, p. 213.

¹³ HORSLEY, R., A. *I Corinthians*, p. 38.

¹⁴ HORSLEY, R. *Paulo e o Império*, p. 238-247.

A chamada “Nova Perspectiva no Apóstolo Paulo”, representada principalmente por Ed Parish Sanders¹⁵ e James D. G. Dunn¹⁶ – que hoje em dia não é mais novidade, uma vez que surgiu no final da década de 1970 – descobriu que o cristianismo primitivo não era, de modo algum, uma negação do judaísmo. Ao contrário disso, Jesus, Paulo e outras personagens do Novo Testamento foram judeus e assim permaneceram sem negar as tradições de seus ancestrais nem rivalizar com elas. A oposição do cristianismo primitivo não foi contra o judaísmo como um todo, mas contra seus segmentos estritamente legalistas.

De acordo com isso, converter-se [greg. μετανοέω] a Cristo não era mudar de religião, pois muitos dos primeiros cristãos permaneceram judeus, mas converter-se significava engajar-se nos propósitos do evangelho, no que diz respeito à valorização do corpo, no qual Cristo atua; na valorização de toda vida humana que pode ser vista no crucificado; na prática da solidariedade; no empenho pela igualdade de todos os seres humanos; na atuação pelo testemunho cristão no mundo e em sua transformação gradual mediante a atuação cristã e na resistência à imoral sociedade de classes que está associada a uma concepção religiosa iníqua.

Nas comunidades do cristianismo primitivo conviviam judeus e pessoas das demais nações, as gentes [greg. ἔθνος] – diga-se de passagem, termo que foi traduzido de forma muito infeliz como “pagão” ou “gentio” na maioria das nossas traduções da Bíblia para as línguas vernáculas. Essas pessoas que participavam das comunidades locais compreendiam-se incorporadas em Jesus Cristo (1Co 12,27). As comunidades cristãs de épocas posteriores à morte do apóstolo Paulo passaram a compreender que a união das comunidades cristãs que estavam espalhadas pelo mundo compunha um grande corpo universal, do qual Cristo é a cabeça (Cl 1,18; Ef 1,23).

Certamente a fé em Cristo era a grande motivação para a existência desses grupos bem como de suas atividades, mas essa fé era a impulsão para a transformação do mundo, que na concepção de Paulo não aconteceria de modo abrupto, mas paulatino e crescente, por métodos que muitas vezes foram considerados quietistas e conformistas, mas que podem ser considerados de outro modo quando vistos dentro de um processo amplo de transformação nas instituições sociais do Império. Assim as mudanças se dariam pelo testemunho de escravos na casa de seus senhores, de mulheres em seu âmbito de atuação social, pela boa execução dos trabalhos realizados por trabalhadores braçais, sobretudo, pelo testemunho da comunidade cristã dado aos que não eram seus integrantes no que diz respeito à solidariedade e ao bom convívio social.

O próprio apóstolo Paulo se subordinou à exigência de bom testemunho que ele exigia dos cristãos e cristãs em sua atuação no mundo. Isso foi escrito em um livro memorável do Frei Carlos Mesters, no qual Paulo de Tarso é apresentado como “Um

¹⁵ SANDERS, E. P., Paul and Palestinian Judaism.

¹⁶ DUNN, J. D. G., A Nova Perspectiva sobre Paulo.

trabalhador que anuncia o evangelho,”¹⁷ nele descreve-se o apóstolo dos gentios como um trabalhador que tem uma árdua e longa jornada de trabalho como fazedor de tendas que proclama a palavra do evangelho enquanto labuta debaixo do sol quente do verão ou sob outros efeitos climáticos desgastantes das outras estações. Assim a atividade evangelizadora se dá enquanto as pessoas passam por ele e recebem o anúncio sem que ele pare de trabalhar.

Se as recomendações do apóstolo Paulo muitas vezes podem ser consideradas quietistas e conformistas porque fora do ambiente das assembleias cristãs solicitam aos escravos a submissão aos seus senhores e às mulheres a subordinação aos seus maridos, por outro lado, as recomendações do apóstolo a esses mesmos grupos de pessoas é bem diferente no âmbito das liturgias cristãs, no qual todos são um em Cristo e iguais diante de Deus (Gl 3,29), a ponto de a liderança ser realizada por escravos e mulheres.

De acordo com o intérprete do apóstolo Paulo, James Dunn, havia limites para a crítica social dados por aquele determinado contexto histórico: “Consequentemente a contestação responsável da prática da escravidão teria exigido mudança completa do sistema econômico e reformulação completa das estruturas sociais, o que não era concebível na época, exceto em termos idealistas ou anárquicos.”¹⁸

Além disso, tudo indica também que as mudanças radicais na sociedade não eram propostas pelo apóstolo Paulo porque ele presumia que o mundo teria seu fim com a parusia antes que fosse possível uma mudança estrutural das instituições. Assim o que se poderia fazer era avançar com a proclamação do evangelho até a Espanha (Rm 15,24) por meio das boas práticas realizadas individualmente pelos cristãos e cristãs em seus lugares de atuação e ao mesmo tempo pelo testemunho revolucionário da comunidade, que ocorre internamente, em suas liturgias e deliberações internas. Se as coisas ocorressem assim, o avanço do evangelho seria inevitável de acordo com o apóstolo Paulo.

Uma das exigências para se passar a fazer parte de uma das assembleias cristãs era receber o batismo, também designado como batismo na morte de Cristo (Rm 6,4), mas na maioria das vezes está associado com o passar a fazer parte do corpo místico de Cristo, o que ocorre quando o Cristão ingressa na comunidade (Gl 3,27; 1Co 12,13). Outra exigência é a fé [greg. πίστις], que é firme confiança – embora não se baseie em evidência – na promessa de Deus partilhada pela comunidade cristã. O que é significativamente diferente da certeza designada pelo termo grego episteme [greg. ἐπιστήμη], essa sim uma verdade demonstrável.

Enquanto praticam a resistência e subvertem comunitariamente os valores do Império Romano, os cristãos e cristãs recebem como resposta duras penas por não

¹⁷ MESTERS, C., Paulo Apóstolo, p.28.

¹⁸ DUNN, J. D. G., A Teologia do Apóstolo Paulo, p. 785.

compactuarem com o sistema estabelecido por quem tem o poder na sociedade imperial romana. Os padecimentos dos cristãos vão desde a violência simbólica, como, por exemplo, o que se caracteriza pela exclusão de suas comunidades até atos de violência física que levam ao martírio aqueles que não oferecem sacrifício ao Imperador, e assim não declaram publicamente subordinação e convivência à política imperial romana. A fé na graça [greg. χάρις] de Deus é o modo como a comunidade cristã resiste, crendo num breve desfraldar da verdade do poder de Deus que está oculto, mas se revelará em Jesus Cristo vindo como juiz dos vivos e dos mortos.

A compreensão quanto à transitoriedade do período escatológico em que se vive sob opressão do sistema mau que predomina no mundo estimula cristãos e cristãs a viver em resistência. A expectativa é que a iminente parusia de Cristo seja seguida pelo grande julgamento de Deus a se realizar sobre todas as pessoas, mas enquanto isso por meio da atuação cristã no mundo, que se caracteriza pela atividade revolucionária no interior da comunidade, certo conformismo no exterior da comunidade e a prática de solidariedade e a vivência sorofraternal em todos os momentos. De acordo com as comunidades cristãs primitivas ensinadas pelo apóstolo Paulo é por meio desse modo de vida que Deus está reconciliando consigo o mundo por Jesus Cristo (2Co 2,19) e por fim Cristo será tudo em todos (1Co 15,28).

3. Recursos didáticos nas cartas de Paulo

Em meio à intensidade da vida dos primeiros cristãos e das primeiras cristãs atuantes na comunidade escatológica e no mundo em resistência ao sistema segregador e hierárquico do Império Romano, bem como em meio à complexidade da concepção de mundo e da fé que essas pessoas manifestavam, o apóstolo Paulo se comunicava frequentemente com os membros dessas assembleias cristãs por meio de cartas escritas por ele sozinho ou junto com seus colaboradores.

Atentemo-nos que apesar da recorrente falta de diferenciação, cartas e epístolas não são a mesma coisa. Enquanto cartas são correspondências autênticas, que tem interesse verdadeiro de comunicação, escritas em linguagem quase coloquial; por outro lado, epístolas são textos formais, muitas vezes correspondências dissimuladas, escritas já com o propósito de serem publicadas e não têm interesse em efetuar comunicação direta entre remetente e destinatário individuais, antes destaca-se o aspecto institucional e publicista.¹⁹

O apóstolo Paulo desenvolveu um gênero específico de cartas, pois geralmente – como já foi dito – sua linguagem era mais simples, enquanto as escritas por Paulo, apesar de serem comunicações diretas com as comunidades, foram mais bem

¹⁹ GABEL, J. B.; WHEELER, C. B., A Bíblia como Literatura, p. 195.

elaboradas do que a maioria das que foram elaboradas no contexto do mundo helenístico. Mesmo sem utilizar a língua grega elevada, há certo nível de profundidade no texto paulino. Na maioria delas há afetividade verdadeira entre Paulo e seus destinatários, quando não, transmitem seu sentimento de indignação, como é o caso em Gálatas, por exemplo, carta na qual o apóstolo está envolvido numa polêmica.

Isso significa que as cartas paulinas ao mesmo tempo em que exalam os sentimentos verdadeiros de seu autor, os quais o apresentam como humano passível de todos os sentimentos, tanto positivos, que são amplamente reconhecidos, como os negativos, que também são evidentes na leitura das cartas, tais como: ira, irritação, incontinência. Esses elementos compõem uma teologia admiravelmente complexa, não por causa de suas características herméticas, mas por estar intrincada na experiência da vida dos primeiros cristãos em vista de seus desafios e dúvidas perante um mundo que enfrentam como se fosse acabar amanhã, enquanto tentam salvar o máximo possível de seres humanos da ira de Deus que se manifesta a partir do céu.

Parece certo que o apóstolo não supunha que suas cartas seriam acolhidas como texto sagrado e colocadas ao lado da *Tanakh* (que corresponde aos livros que os cristãos passaram a chamar de Antigo Testamento), na continuidade dos evangelhos, que ele também não conheceu, nem imaginou que viriam a existir. Se soubesse que o discurso que se contém em suas cartas teria um “auditório universal”, teria evitado as trivialidades, contendas locais, instruções pontuais e não se expressaria de forma tão espontânea, e assim, seus textos seriam só mais um objeto de Teologia sem a característica vivacidade que se manifesta nele.

De acordo com certo consenso dos biblistas, das cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, apenas sete são verdadeiras correspondências que realmente foram escritas pelo apóstolo Paulo, as quais são, na ordem canônica: Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1 Tessalonicenses e Filemon. Todas as outras cartas e epístolas que estão no Novo Testamento são tentativas não tão bem-sucedidas de imitar o apóstolo ou o método de comunicação utilizado pelo apóstolo Paulo. Nenhum dos textos do Novo Testamento intitulados “carta” ou “epístola” tem a mesma linguagem familiar, o mesmo calor apocalíptico e ao mesmo tempo a descrição dos vivos problemas que caracterizaram o cristianismo primitivo.

Apesar das características originais dos textos paulinos, é evidente que o apóstolo seguiu certo padrão epistolar em vários aspectos da composição de suas cartas. Sua elaboração seguiu a orientação da antiga arte retórica. Como começamos a apontar acima, a Retórica, como apresentada por Aristóteles (séc. IV a.C.), estava ligada à Filosofia, tinha o objetivo de desenvolver técnicas de persuasão do real, em busca da verdade. Apesar disso, muitas vezes, desde o Mundo Antigo, a retórica também tenha sido usada pelos sofistas, como técnica de manipulação, de embelezamento da linguagem para ocultar o vazio de sentido ou a deliberada mentira.

As cartas do Novo Testamento eram repletas de elementos de oralidade²⁰, pois tratava-se de textos escritos para serem lidos em voz alta, por uma das poucas pessoas da comunidade que tinha o privilégio de ser alfabetizada. Se não fossem esses recursos, os objetivos do autor que não estava ali presente na hora da leitura não seriam alcançados, por isso o escritor das cartas utilizava-se do recurso de tocar o sentimento [greg. πάθος] das pessoas que compõem seu auditório. Do mesmo modo, o conteúdo exposto precisa ter coerência lógico-discursiva [greg. λόγος] e o orador, que, apesar da ausência, se presentifica pelo discurso no momento da leitura do seu texto, precisa ter dignidade [greg. ἔθος] para que alguém se preste a escutar o que ele tem a dizer.

O objetivo do orador, quando se coloca diante de um auditório, é a persuasão. Para os autores cristãos do Novo Testamento, a persuasão está associada à “conversão” ou, para ser mais preciso, à “mudança de mente” [greg. μετάνοια], que é necessária àqueles que pretendem integrar-se à comunidade cristã em seu engajamento até que suceda a parusia. Para alcançar tal objetivo, o orador, no caso, o apóstolo Paulo, com mais frequência utilizava-se do gênero deliberativo, embora também possamos identificar exemplos de cartas ou de trechos das cartas paulinas que se enquadram nos gêneros jurídico e epidítico. A importância e o uso mais frequentes do gênero deliberativo está relacionado com sua característica utilização em discursos a serem realizados para uma assembleia de iguais, como é a comunidade cristã primitiva.

A Retórica, no sentido aqui utilizado, é tanto o recurso que o apóstolo Paulo conscientemente utilizou para elaborar suas cartas, quanto uma chave-de-leitura, uma perspectiva hermenêutica utilizada por nós para compreender seu discurso registrado por escrito na carta. Assim, a Retórica também poderia ser utilizada para interpretar textos de outros gêneros que não foram necessariamente construídos de acordo com suas diretrizes. No caso das cartas paulinas, é muito evidente a existência de um padrão estrutural recorrente.²¹ Embora em outros âmbitos de análise, pudéssemos aplicar outras nomenclaturas às suas partes, é suficiente para os propósitos aqui pretendidos apontar que as cartas se estruturam em: (1) abertura, (2) corpo e (3) encerramento. Abordemos, alguns elementos didáticos recorrentemente utilizados pelo apóstolo Paulo em cada uma dessas partes da estrutura das cartas.

A abertura de todas as sete autênticas cartas paulinas possui uma saudação, em seis delas a saudação é idêntica: “graça a vós e paz da parte de Deus nosso pai e do Senhor Jesus Cristo” [greg. χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη ἀπὸ θεοῦ πατρὸς ἡμῶν καὶ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ]. (Rm 1,7; 1 Co 1,3; 2 Co 1,2; Gl 1,3; Fl 1,2; Fm 3). Apenas em I Tessalonicenses há uma forma abreviada: “graça a vós e paz” [greg. χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη] (I Ts 1,1).

²⁰ BERGER, K., *As Formas Literárias do Novo Testamento*, p. 17-19.

²¹ CARDOSO, J. R. C., *Análise Retórica do Novo Testamento*, p. 277-308.

Curioso, mas não ocasional, o fato de Paulo ter abandonado a saudação tipicamente helenística, “chaírein” [greg. χαίρειν] – algo como “salve” – para passar a utilizar a forma nominal “cháris” [greg. χάρις] do verbo que anteriormente era utilizado para saudação. Apesar de se manter um termo que está relacionado com o mesmo campo semântico, cháris apela à dádiva, à graça que vem de Deus. Não apenas isso, mas a cháris de Deus é combinada com a “eiréne” [greg. ειρήνη], que é a tradução para a língua grega da saudação judaica “shalom” [hebr. שָׁלוֹם], que significa paz, em seu sentido amplo, isto é, remete à condição necessária para manutenção da vida humana.²²

Paulo combina “a graça, a dádiva” que uma pessoa de fala grega declara desejar à outra quando a saúda com “a paz” que o judeu deseja ao seu interlocutor quando se comunica com ele. Assim a “graça” das nações e a “paz” judaica são combinadas e atribuídas à divindade, que é designada pelo termo genérico “Deus” [greg. θεός], “pai nosso”, uma fórmula presente nos textos homéricos, nos quais Zeus é pai de todos os homens, e nas próprias *logía* de Jesus. “Graça e paz” alcançam todos os seres humanos, rompe as barreiras culturais presumíveis.

A abertura de todas as cartas também possui a apresentação do apóstolo Paulo, mas esse elemento não é fixo, uma vez que se alterna de acordo com o relacionamento particular que ele tem com a determinada comunidade com que se comunica por meio da carta. Quando interage com uma comunidade que o conhece pessoalmente e o quer bem, basta ao apóstolo citar o próprio nome, sem acrescentar seus atributos (1Ts 1,1), ou se designar simplesmente como servo de Cristo (Fl 1,1), mas na medida em que seu testemunho está ou pode estar em disputa nas determinadas comunidades, o apóstolo acrescenta seus atributos como: “chamado para ser apóstolo, separado pelo evangelho de Deus” (Rm 1,1); chamado pela vontade de Deus para ser apóstolo de Jesus Cristo (1Co 1,1); apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus (2Co 1,1). Quando se sente *persona non grata* pela comunidade, a autoapresentação é apologética: “apóstolo não da vontade de homens, nem de por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus pai” (Gl 1,1). Quando quer apelar ao sentimento de seu interlocutor, Paulo propõe seu próprio testemunho como “prisioneiro de Jesus Cristo” (Fm 1).

Ainda na apresentação das cartas, também é didático o modo como Paulo apresenta co-autores de suas correspondências. Notemos que Sóstenes (2Co 1,1), Timóteo (Fl 1,1; Fm 1) e Silvano e Timóteo (1Ts 1,1) são apresentados como autores das cartas junto com o apóstolo, mas, apesar disso, reconhece-se que há assimetria entre o apóstolo e seus colaboradores, quaisquer que sejam, portanto o gesto de apresentá-los é muito mais uma iniciativa de humildade e de disposição à coletividade do que uma evidência quanto à escrita do conteúdo da carta. Nota-se que a autoria da carta mais polêmica de Paulo, Gálatas, é atribuída a Paulo e “todos os meus irmãos” (Gl 1,2),

²² SCHÖCKEL, L. A., Dicionário Hebraico, p. 676.

como se estivesse querendo dizer que ele não está sozinho no que diz respeito ao discurso contido naquele texto. Quanto a Romanos, Paulo aparece como único autor, mas ao fim Tércio declara tê-la escrito (Rm 16,22), nesse caso em particular, tudo indica, na condição de amanuense.

Já no encerramento da carta há outro elemento estrutural, que é a despedida, presente em todas as cartas, exceto Romanos, que é um texto menos parenético que os demais. Nas despedidas com frequência a *cháris* é evocada novamente, combinada, dessa vez, com: o amor [greg. *ἀγάπη*] do próprio apóstolo (1Co 16,24); com o amor [greg. *ἀγάπη*] de Deus e com a comunhão [greg. *κοινωνία*] do Espírito Santo (2Co 13,13); o vosso espírito (Gl 6,18; Fl 4,23; Fm 25) ou simplesmente convosco (1Ts 5,28). Em todos os casos, a graça que está nas despedidas de seis das cartas genuínas de Paulo é a graça de Jesus Cristo, e Deus não é mais referido, porque reconhece-se sua atuação na comunidade por meio de Jesus Cristo e do Espírito Santo mesmo sem mencioná-lo.

Conclusão

De acordo com o que acabamos de apontar, o apóstolo Paulo tinha seus procedimentos de ensino e atuação nas comunidades cristãs primitivas fundamentado numa didática específica, a qual estava relacionada com a Retórica aristotélica, que se constitui como a busca da verdade, pela construção da plausibilidade na argumentação, que se estabelece como discurso racional. É assim que as cartas paulinas fazem com que seu autor seja compreendido, como um orador didático, que tem o domínio do discurso em forma escrita.

As comunidades escatológicas foram descritas e apresentadas como ambientes em que a didática do apóstolo Paulo foi exercida de modo bem-sucedido. Mesmo que na obra de Bultmann²³ a comunidade escatológica não ganhasse tanta ênfase no que diz respeito à resistência à política imperial romana, fizemos uma releitura dos primeiros agrupamentos cristãos no estágio mais intenso e inspirado de sua atuação no mundo à luz da perspectiva desenvolvida por Horsley.²⁴

Por último, apontamos nos textos das cartas do apóstolo Paulo, que circularam nas comunidades escatológicas, os procedimentos didáticos fundamentados na retórica aristotélica para que assim os membros dessas igrejas cristãs primitivas fossem persuadidos quanto ao plausível, o que, no caso, refere-se à experiência de conversão nas palavras do Novo Testamento.

²³ BULTMANN, R., Teologia do Novo Testamento, p.79-83.

²⁴ HORSLEY, R., Paulo e o Império, p.9-32.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BERGER, Klaus. **As Formas Literárias do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1998.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André: Academia Cristã, 2008.

CARDOSO, José Roberto Correa. Análise Retórica do Novo Testamento. In: LEONEL, João Cesário; CARNEIRO, Marcelo. **Para ler as escrituras**. São Paulo: Editora Recriar, 2020, p. 277-308.

DUNN, James D. G. **A Teologia do Apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulus, 2008.

DUNN, James D. G. **A Nova Perspectiva sobre Paulo**. Santo André: Academia Cristã/São Paulo: Paulus, 2011.

GABEL, John B; WHEELER, Charles B. **A Bíblia como Literatura**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

JAEGER, Werner. **Paideia: A formação do homem grego**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JAEGER, Werner. **Cristianismo Primitivo y Paideia Griega**. Cidade de México: Fondo de Cultura Económica, 2008.

HORSLEY, Richard A. 1 Corinthians. Abingdon New Testament Commentaries. Nashville: Abingdon Press, 1998.

HORSLEY, Richard A. 1 Coríntios: estudo de caso da assembleia de Paulo como sociedade alternativa. In: HORSLEY, Richard A [org]. **Paulo e o Império**. São Paulo: Paulus, 2004, p. 238-247.

HORSLEY, Richard A. Introdução Geral. In: HORSLEY, Richard A [org]. **Paulo e o Império**. São Paulo: Paulus, 2004, p. 9-18.

HORSLEY, Richard A [org]. **Paulo e o Império**. São Paulo: Paulus, 2004.

MESTERS, Carlos. **Paulo Apóstolo: Um trabalhador que anuncia o evangelho**. São Paulo: Paulus, 1991.

O'BRIEN, P. T. Verbeté: Chiesa. In: HAWTHORNE, G. F; MARTIN, R. F. **Dizionario di Paolo i delle sue lettere**. Torino: Edizione San Paolo, 2000, p. 213-226.



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9a09

RICOEUR, Paul. **A Metáfora Viva**. Trad. Dion Davi Macedo. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2006.

SANDERS, Ed Parish. **Paul and Palestinian Judaism: A comparison of patterns of religion**. London: SCM, 1977.

SCHÖCKEL, Luís Alonso. **Dicionário Hebraico – Português**. São Paulo: Paulus, 1997.

Francisco Benedito Leite

Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo
Bolsista de Pós-Doutorado Estratégico (CAPES) na Pontifícia Universidade Católica
de Campinas com pesquisa na área de Literatura e Religião do Mundo Bíblico.
Campinas / SP – Brasil
Email: ethnosfran@hotmail.com

Recebido em: 26/03/2024

Aprovado em: 26/06/2024